MACHADO DE ASSIS NO TABULEIRO DAS BALAS DE ESTALO

MACHADO DE ASSIS ON THE “BALAS DE ESTALO”’S BOARD

Atilio Bergamini Junior¹

Janaína Tatim²

Resumo: *Procuramos apresentar a série coletiva de crônicas “Balas de estalo”, da qual Machado de Assis fez parte, publicada na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, entre 1883 e 1886. Esta apresentação inclui a caracterização da Gazeta de Notícias e da série, que, por hipótese, possuía um projeto específico com diretrizes e procedimentos comuns que orientaram a escrita de seus colaboradores. Reinterpretamos, então, a participação de Machado na série, como sua escrita se particularizou, sob o foco de seu contexto de produção, ao levar em conta informações trazidas à tona pelo estudo das “Balas de estalo” enquanto conjunto.*

Palavras-chave: *Machado de Assis, Balas de estalo, Gazeta de Notícias*

Abstract: *This paper aims to present the collective set of crônicas, “Balas de estalo”, published by the newspaper Gazeta de Notícias, from 1883 to 1886, in Rio de Janeiro. This presentation includes a characterization of Gazeta de Notícias and of the set of crônicas, stressing the guidelines of the collec-*

1 **Atilio Bergamini Junior** (Unicamp - Universidade Estadual de Campinas- Pós-doutorando no IEL-UNICAMP, vinculado ao projeto temático “A circulação transatlântica dos impressos e a globalização da cultura no século XIX” (FAPESP), sob supervisão de Márcia Abreu. Doutor em Literatura Brasileira pela UFRGS.

2 **Janaína Tatim** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Letras - Graduada em Licenciatura em Letras, na UFRGS. Bolsista CNPq-PIBIC, no projeto “Crônica e cotidiano no final do Império: uma proposta de estudo da série ‘Balas de Estalo’”, coordenado por Antonio Marcos Vieira Sanseverino. Prêmio Jovem Pesquisador - XXIV Salão de Iniciação Científica, Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ), UFRGS.

tive project, and the procedures that guided the writing of its journalists. The paper interpret Machado's participation in "Balas de estalo", taking into account information brought to light by the study of "Balas de estalo" as a set.

Keywords: Machado de Assis, Balas de estalo, Gazeta de Notícias

Se hoje acaso ocorresse a alguém mencionar a série de crônicas “Balas de estalo”, há quase cem por cento de chances de que se estivesse referindo a Machado de Assis. De fato, ela permanece vinculada ao célebre escritor. Provavelmente, na hipotética citação, as “Balas de estalo” fariam parte da lista de séries de suas crônicas publicadas em tempo de maturidade, ao lado de “Bons Dias!” (1888-1889) e “A semana” (1892-1897), consideradas, em geral, de excelência.

Porém, a leitura das “Balas de estalo” no suporte primeiro de sua publicação, o jornal *Gazeta de Notícias*, tem transformado o horizonte de estudos a respeito do trabalho de Machado para as “Balas” e tem aberto possibilidades de pesquisa a respeito da série como um todo. Nesse sentido, algumas considerações se impõem, entre outras: que, em verdade, a série era coletiva; que chegou a contar quinze diferentes assinaturas criadas por pelo menos oito autores reais distintos; que, entre eles, Machado foi “apenas” mais um dos colaboradores; que estes compartilhavam um espaço quase diário na *Gazeta de Notícias*.

Se, por hipótese, houve um projeto de escrita para a série, com certos protocolos subjacentes à sua produção, compartilhados por seus colaboradores, então, nos interrogamos: quais as relações entre a escrita de Machado e o projeto da série e do jornal? Como essas relações ajudam a compreender as práticas de escrita do autor?

À exceção das balas de Machado de Assis, as demais permanecem sem edição em livro³. Em 1958, Raimundo Magalhães Júnior coligiu em *Crônicas de Lélío* grande parte das balas de estalo de Machado, todavia com algumas ausências, notas insuficientes e vagamente informativas. Além dessa edição, as balas também entraram para o tomo das crônicas nas su-

3 Foi publicada em 1887 pela própria editora da *Gazeta de Notícias* uma edição única de algumas crônicas de “Balas de estalo”, ao que tudo indica são crônicas reunidas de Lulu Sênior, pseudônimo de Ferreira de Araújo. Em site de venda de livros usados, essa obra é oferecida a um alto custo, a título de raridade.

cessivas edições das obras completas do autor, sem o trabalho de anotação. Em 1998, Heloisa Helena Paiva de Luca reeditou as balas de Machado, dessa vez reunindo todas as crônicas, porém sem ir muito além do que fora Magalhães Júnior no esmero com a edição.

Ou seja, ainda que a série tenha sido em seu tempo sucesso junto ao público leitor das folhas da Corte, o histórico de suas edições em livro revela o quanto ela foi lembrada apenas a partir de Machado de Assis. Mesmo para as crônicas de Machado, observa-se a ausência de uma edição que dê sustento à leitura voltada para a pesquisa.

Apesar de as “Balas de estalo” comporem a fase madura de Machado de Assis e apesar de terem feito parte, durante um período considerável, do cotidiano de publicação de um dos jornais de maior relevância no último quartel do século XIX no Brasil, até recentemente suas crônicas permaneceram quase despercebidas por pesquisadores da literatura brasileira, do jornalismo e da história. Aqui e ali, algumas balas de estalo de Machado foram abstraídas do contexto da série para coadjuvar sobretudo estudos acerca das posições políticas do autor, como o ensaio de Alfredo Bosi *O teatro político nas crônicas de Machado de Assis* (2004), à moda de *Machado de Assis e a Política e outros estudos* de Brito Broca (1957). Ana Flávia Cernic Ramos (2010) foi a primeira e, salvo engano, a única, a estudar o caráter coletivo da série. Todavia, depois de investigar o primeiro ano de publicação das “Balas de estalo” (1883), voltou-se mais centralmente para as crônicas de Machado de Assis, de sorte que o importante trabalho por ela iniciado carece de continuidade.

No final de 1884 e início de 1885, diversos jornais do Rio de Janeiro – *A Semana*, *O Paiz*, *O Mequetrefe*, *Gazeta de Notícias* –, a partir de uma notícia publicada no *Jornal do Comércio*, debateram e comentaram o caso Castro Malta ou “Caso Malta”.

João Alves Castro Malta fora preso, em novembro de 1884, acusado de vadiagem, e, desde então, desaparecera. Os jornais pediram explicações às autoridades, especialmente quando apareceu no obituário oficial o nome de João Alves Castro Mattos. A partir daí se desdobrou uma série de idas e vindas, com exumações de corpo por comissões de médicos ilustres, até que as autoridades encerrassem abruptamente o processo. Ana Flávia Cer-

nic Ramos⁴ reconstituiu o acontecido: na versão oficial, Malta fora enterrado na vala 143, mas, com a exumação, nem a família, nem funcionários da funerária reconheceram o corpo. Abriram-se trinta e três outras valas, de novo em vão. Por fim, o médico legista afirmou que o corpo encontrado na vala 143 era de Malta (RAMOS, 2010, p. 187).

A *Gazeta de Notícias* tratou recorrentemente do acontecimento, inclusive com seções intituladas “Caso Malta”. Na série de crônicas “Balas de estalo” (1883-1886), ele teve recorrência equivalente, destacamos três delas⁵. Sob o pseudônimo de Lélío, Machado de Assis escreveu:

Castro Malta? Perguntaram-me os vermes.

- Sim, Castro Malta... Uns dizem que ele morreu, outros que não; afirma-se que está enterrado e desenterrado; que faleceu de uma doença, se não foi de outra. Então lembrou-me vir aqui ao cemitério a estas horas mortas, para interrogá-los e para que me digam francamente se ele aqui esteve ou está, e...

Os vermes riram às bandeiras estava fazendo.

- Não pense que estamos mofando do senhor, respondeu um dos vermes mais graúdos. Castro Malta é o nome – do homem?

- Justamente. Onde está ele?

- *Alas, poor Yorick!* não podemos saber nada; isto cá embaixo é tudo anônimo. Ninguém aqui se chama coisa nenhuma. César ou João Fernandes é para nós o mesmo jantar. Não estremeças de horror, meu filho. Castro Malta? Não temos matrículas nem pias de batismo. Pode ser que ele esteja por aí, pode ser também que não; mas lá jurar é que não juramos...

- Mas então...? Não, não creio.

- Não crê! Exclamaram eles em coro rindo; não crê!

- E por que é que não crê? Redarguiu o graúdo. Que interesse temos nós em lhe mentir? Não distinguimos nomes, nem caras, nem opiniões, quaisquer que sejam, políticas e não políticas. Olhe, vocês as vezes batem-se nas eleições e morrem alguns. Cá embaixo, como ninguém opina, limitam-se todos a ser igualmente devorados, e o sabor é o mesmo. Às vezes o liberal é melhor que o conservador; outras vezes é o

4 Para detalhamentos sobre o Caso Malta, ver o segundo capítulo da tese de doutorado de Cernic Ramos (2010).

5 Acessamos online as digitalizações da *Gazeta de Notícias* disponibilizadas na *Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional*, assim todas as referências a crônicas feitas neste artigo serão indicadas apenas pelo veículo (sendo GN abreviação de *Gazeta de Notícias*), assinatura (quando houver), data de publicação e página, dados suficientes para a pesquisa no site: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

contrário: questão de idade. Os vermes (não os deuses, como diziam os antigos) os vermes amam os que morrem moços. Você por que é que não fica hoje mesmo por aqui?

- Lisonjeiro! Não posso; tenho que fazer.

- Deixe-se de imposturas!

- Não, palavra. Vou saber se a Erva Homericana é da Sibéria ou da Prússia. Dá-se com esta o mesmo que se dá com Castro Malta...

- Está e não está enterrado!

- Não...

- Então, é ela mesma que enterra os outros...

- Segundo o Sousa Lima; mas, segundo o Bertini, desenterra.

- *Esse et non esse*.

- Vocês sabem latim?

- Se lhe parece! Comemos todo o povo romano. Mas então a tal erva...

- Diz uma revista prussiana que é da Prússia, mas um atestado austríaco diz que é da Sibéria... Tal qual o Rodrigues.

- Outro defunto?

- Justamente, outro defunto, opinião de Teodoro. Tudo vai assim cá por cima; cada coisa é e não é ao mesmo tempo. Quantos deputados há favoráveis ao projeto Dantas? Perguntei a um vizinho da esquerda, e ele disse-me que 36, e citou os nomes; falei a outro da direita, e respondeu-me que 16, e citou também os nomes...

- Está vendo? E você ainda nos pede nomes de defuntos! Pois se os de gente viva andam da direita para a esquerda e de cima para baixo, como usá-los aqui, onde não há câmaras, nem governo, nem projetos, onde tudo é livre e mais que livre? Vá, meu amigo! Boa noite; ouviu? Boa noite, até à vista, e que seja breve. (GN, Lélío, 12/12/1884, p.2)

O humor – que, como veremos a seguir, caracterizava o jornal e a série – está presente em várias instâncias da crônica, seja a situação composta na cena (vermes conversando com Lélío e rindo dele), seja nos temas que assomam no diálogo. Contudo, mais profundamente, a estrutura desta bala parece indicar ironia. Para começar, os vermes se posicionam em relação a Lélío a partir de uma postura ironicamente socrática (“não podemos saber nada”), que suprime qualquer singularidade ou diferença⁶. A supressão da

6 José Antônio Pasta Jr. tem discutido a “formação supressiva” como uma constante formal do romance brasileiro. Ele também tem procurado incorporar o problema do “ponto de vista da morte” como constitutivo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e não como um detalhe formal. Para uma síntese de seus propósitos, ver “Entrevista com José Antônio Pasta Jr.” in *Sinal de Menos*, fevereiro de 2010, v. 4, disponível em <http://sinaldemenos.org/2011/02/24/sinal-de-menos-4/>.

diferença, que se pretende liberdade e verdade, faz vizinhança com o relativismo mais extremo (“Está e não está enterrado!”). São levadas ao extremo as consequências de não haver condições institucionais para o estabelecimento de uma perspectiva que, com base em indícios, afirmasse quem matou Castro Malta, onde o enterrou. Do juiz ao policial, do jornalista ao médico, estão todos comprometidos com a falsificação, que passa, então, a determinar as formas de elaboração do terror, do assassinato e da tortura contra os pobres (mas só os vadios...). Não havia interesse algum em apurar os fatos, mas em encobri-los e deturpá-los.

A estratégia do texto parece evocar máximas “universais” como mediação para analisar o desastroso pacto social dos bons homens fluminenses, a exemplo da morte como fim igualador e impreterível, da impossibilidade de se estabelecer a verdade, e da relação tortuosa dos homens frente a isso. Essas máximas que, do ponto de vista de Machado, eram universais, interpelavam e eram interpeladas pelos acontecimentos brasileiros, um cruzamento de perspectivas ao mesmo tempo familiares e estranhas. Tal método de escrita estabelece um movimento de ambivalência entre o que K. David Jackson (2008) chamou de ponto de vista do eterno e os pontos de vista implicados nos dilemas do momento (autoridades policiais e médicas, jornalistas, políticos, intelectuais), todos eles criticados pelo humor do texto. Nota-se a sutil discrepância entre a inteligência prática e um tanto cínica dos vermes e a (forçadamente) ingênua posição mundana de Lélío, para quem “só o amor da verdade” obrigava a ir ter com os vermes.

Levadas ao extremo, as falas dos vermes, principalmente do mais graúdo, fazem lembrar a posição que a própria *Gazeta de Notícias* reivindicava, isto é, uma posição apartidária (assentada no recente ideal de imparcialidade e objetividade da imprensa): “Que interesse temos nós em lhe mentir? Não distinguimos nomes, nem caras, nem opiniões, quaisquer que sejam, políticas e não políticas”.

As “Balas” se inseriam no complexo de lutas pela legitimação do jornal. Nesse complexo, Machado se viu preocupado pessoalmente, já que fora censurado por ser funcionário público e ao mesmo tempo colaborador de uma série de caráter combativo e “rebaixado” (no sentido do rebaixamento provocado pelo humor), além de ser crítica de atos administrativos⁷. Por

⁷ Em 25 de setembro de 1883, o *Corsário* publicou em sua seção “Chopeneanas”, na página 3, o seguinte reproche: “Ora o Machado de Assis! Quem havia de dizer que o discípulo de Paula Brito desse para escrever *balas de estalo*? Ele, o Machado, calemburista autor da *Mão e a luva*, dos *Contos Fluminenses*, da *Iaiá Garcia*, das *Americanas* e de outras obras de igual jaez, em prosa e verso, é o Lélío das Balas de estalo, produtos do ventre do Araújo, ex-padeiro da rua Sete de Setembro! O machado (...) oficial da secretaria da agricultura, ex-oficial de gabinete de um ex-

sua vez, a *Gazeta* precisava rebater acusações por ser uma folha voltada ao mercado⁸, e ainda debater com o jornalismo conservador, escravista, emancipacionista e/ou monárquico.

Entrecruzada por essas tensões, a ironia da crônica parece propor radical instabilidade de sentidos, algo, como se verá, estranho aos demais cronistas. Que legitimidade como enunciadores podem ter vermes e o que eles dizem? E, Lélío, uma personagem ostensivamente ingênua, que acusa ter ido ao cemitério “só [por] amor da verdade”? E Lélío, ainda, que evoca a representação que jornais fazem de sua atividade de revirar assuntos e túmulos: era a verdade que o “obrigava a fazer o que estava fazendo”? Essa perspectiva paradoxal – nem só universalista, nem só ligada ao registro do cotidiano – indica o que pensamos ser um dos traços da inserção de Machado no projeto coletivo de humor das balas.

O tom construído por esse cruzamento de ironias desestabilizadoras de certezas está perto do sarcasmo, em relação às esferas citadas anteriormente. O conjunto de textos sobre o Caso Malta publicado na *Gazeta* e em outros jornais expunha de tais modos a violência, a arbitrariedade policial e a falta de seriedade do jornalismo em combatê-las, que devia fazer gargarhar o leitor que abrisse a folha e desse com a justificativa de Lélío, de que buscava somente a verdade.

O leitor machadiano também poderia perceber um eco entre essa crônica e certas imagens e pontos de vista presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) – memórias dedicadas aos vermes. O ponto de vista da morte é aquele pretensamente *livre*: “Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 657). É como se Machado recorresse a uma estratégia discursiva, guardadas todas as proporções do contexto em que aparecem, que diz respeito a certa fantasia em relação a uma posição isenta de interesses. A liberdade pretensamente desinteressada de roer os acontecimentos, ligada ao espaço da morte, parece veicular uma ideia de que o paradoxo e a ironia de certas formas artísticas realizam um desinteresse em relação aos fatos. Contudo, o desinteresse é formulado no interesse de pontos de vista não legítimos, o que abre o espaço de instabilidade de sentidos, comentado anteriormente.

ministro, escrever *balas de estalo*! Ora, o Machado de Assis! Sr. Ministro da agricultura, V. Ex. deve demitir o Machado porque este empregado exorbita de sua posição. Este empregado público desmoraliza-o, desmoraliza o governo de que V. Ex. faz parte, escrevendo balas de estalo.”

8 Ainda o *Corsário* fez várias acusações ao suposto interesse escuso de Ferreira de Araújo em fazer jornalismo para ganhar dinheiro, a mais escrachada ficou nos versinhos: “O Lulú Senior/ Da Gazeta.../ Peta/ Faz balas de estalo/ Por regalo/ Da gaveta” (04/10/1883, p. 3).

No final de dezembro de 1884, Décio faz de sua bala de estalo um chiste, para evidenciar como o Caso Malta se tornou banalizado e mal discutido, principalmente em razão da busca de lucro da imprensa:

Não se assustem. Não lhes venho falar do Malta. Tenho comiseração dos leitores. Vejo que já lhes não pode cheirar bem a questão, assim como aos peritos e curiosos não cheirou a rosas o cadáver do sobredito (sic) Malta no cemitério.

Efetivamente, só faltavam-me agora vir falar da polícia, porque abre inquéritos dentro das suas salas, com os seus escrivães e os seus urbanos por testemunhas, e depois vem atirar-nos com os seis inquéritos à cara, como se fossem a última descoberta em remédio para calo... de fraturas.

Só faltava-me vir pregar moral à polícia, que já declarou alto e bom som que não *deve descer da posição nobre e altiva* em que se encontra *para responder a acusações* sem fundamento.

Não. Poupo aos meus leitores (?) esse desgosto. Sei bem que eles, desde a primeira coluna até a última de todas as folhas, em artigos de fundo e em artigos de crítica e em artigos humorísticos, só leem e só veem isto – Castro Malta.

Ainda não tem o Malta em forma de um chapéu que vai entrar em moda; ainda não está fundada a Associação Beneficente e Literária Memória a Castro Malta; o Malta ainda não se vê na lista de um hotel, dando nome a um novo manjar; e, o Sr. Arvellos ainda não publicou a sua melodia fúnebre para piano, dedilhada e arranjada para principiantes, intitulada – *Os derradeiros momentos de Castro Malta*.

O retrato já anda por aí à venda a 200 réis, e força é confessar que se a primeira edição ainda não se esgotou é porque foi de 50.000 exemplares. O Malta a 200 réis é uma pechincha, e o caso é para ficar ainda por cima obrigado a quem o cede por tão pouco. É mais para admirar que a polícia ainda não o tenha adquirido para si por esse preço, do que terem conseguido retratar quem nunca jamais lembrou-se de mandar tirar o seu retrato – e conseguirem assim um Malta incontestável e cuja identidade ainda não foi posta em dúvida nem exigiu exumação e autópsia. A exigência é apenas de 200 réis.

Mas a música do Sr. Arvellos há de forçosamente aparecer nos anúncios dos jornais ladeada do infalível cliché que representa uma lira. Depois, havemos de ter o bife à la Malta; o chapéu à Castro Malta há de vir anunciado de cambulhada com os chapéus à Silveira Martins, à Republicano, à Carlos Gomes, à tudo mais.

Virão os calembourgs à Malta, e mudar-se-ão os nomes a umas tantas

cousas que têm relação com o caso – o caso Malta, já se sabe.

Quando se perguntar a alguém: “acaso receias que a polícia te faça mal?” esse alguém responderá espirituosamente: “não; o que eu receio é que ela me faça Malta.”

De algum indivíduo que tenha desaparecido dir-se-á – está esmaltado. O cemitério, depois das exumações do indivíduo em questão, já não se chamará em retórica a mansão tranquila, a morada eterna, pois que d’aqui por diante nem os defuntos se julgarão seguros.

Esmalte chamar-se-á as brilhanturas da polícia: não se dirá malta de capoeiras, porém malta de Maltas.

Quando o atual chefe de polícia for nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça, os jornais dirão: foi nomeado o Sr. Tito do Malta – e não o Sr. Tito de Mattos.

Não se dirá mais de um ruim devedor: *pregou-me um calote, e sim: arrancou-me a colote.*

Não será mais elogiou, porém significará um grande desaforo dizem que um cidadão é cavalheiro da ordem de Malta.

Enfim, uma revolução completa nos costumes, na linguagem, em tudo. E em tudo o Malta, o Castro Malta, sempre o Castro Malta.

Por tais razões, e prevendo que os leitores (outra vez: ?) vão sofrer o martírio-Malta, só ouvindo pronunciar este nome, só lendo este nome, por toda a parte só enfrentando com esse nome; e não querendo por minha parte concorrer para tão inevitável martírio, não lhes venho falar do Caso Malta, que para esta seção de Balas de estalo é decididamente mal... talhado.

Não lhes falarei disso – nem de outra coisa, que é o melhor. (GN, Décio, 28/12/1884, p.2)

Décio se insere no programa das balas com um humor repleto de trocadilhos e referências a uma exagerada assimilação do Caso Malta por toda ordem de circunstâncias (o efeito de humor se dá também no desnível entre o mórbido do caso e as áreas que o assimilam: a moda, a música, a gastronomia, os ditos...). Desta forma, podemos dizer que a bala de Décio dirige-se à esfera pública, encabeçada pela imprensa, na qual o autor se inclui, se autoironizando. Assim, ele compõe a crítica com saídas humorísticas e “desloca” o foco da crônica: não se trata do Caso Malta exatamente, mas de sua banalização.

Prometer não falar daquilo que não se tem como deixar de falar é um jogo inesperadamente trágico, talvez pateticamente trágico. Como o fechamento da crônica tematiza a própria forma (“Não lhes falarei disso – nem

de outra coisa, que é o melhor”), a explicitação temática do que a forma mais do que sugeriu sublinha o procedimento da reiteração. O nome Malta ganhava uma série de sentidos, conforme variavam as práticas sociais de sua apropriação. Todavia, muitas das apropriações elencadas visavam transformar em mercadoria o processo de violência e autoritarismo policial. Do ponto de vista da crônica, vender jornal, vender retratos, essa verdade do Caso Malta, passou a importar mais do que o caso em si. Ao que parece, estamos falando de um mercado editorial, que testava ao discutir o caso seus limites e posições⁹.

Há nessa bala uma classificação de tipos de textos de jornal, a saber: primeira coluna, artigos de fundo, artigos de crítica e artigos humorísticos. Embora ela precise ser tomada com precaução, indica, desde uma perspectiva coetânea, o lugar das “Balas de estalo” no conjunto da *Gazeta* e também do jornalismo fluminense. Fica implícito que a bala de Décio é um artigo humorístico que comenta todos os demais gêneros ou tipos textuais presentes no jornalismo. Mais uma indicação da ambiciosa perspectiva de análise que a série propunha, ainda que dissimulada no cunho de “balas de estalo”.

Outra bala, a de João Tesourinha, reincide na crítica à posição oportunista da imprensa:

Dizem por aí que está demitido do cargo de chefe da Polícia da Corte e Sr. Conselheiro desembargador Tito Augusto de Mattos. Dizem isto e acrescentam que o fato da demissão de S. Ex. tem a mais íntima relação com o caso Castro Malta.

Pela minha parte não creio em uma só palavra do que ouço dizer.

A Imprensa, essa vaidosa e enfiada instituição, que sem mais nem menos pretende arrogar-se e direito de defender os povos, sem que estes lhe encomendassem o sermão, toma ares de vencedora no caso Malta e chama a si a glória de haver conseguido a demissão de um pobre chefe de polícia.

A Imprensa julga ser isso um grande triunfo e, a estas horas, ainda está esfregando as mãos numa grande expansão de contentamento, como um general que tivesse ganho uma batalha cheia de incidentes do poder executivo.

Porque outra coisa não é e outro efeito não tem o ato do governo.

9 Alessandra El Far assinala o crescimento do mercado livreiro no final do século XIX e no início do século XX e assinala um “amplo comércio de literatura popular” (p. 16) no Rio de Janeiro. Desde a década de 1870, acontecimentos comerciais como a “Biblioteca de Algibeira”, de Garnier, o aparecimento de livrarias populares, entre outros, são indícios fortes da formação de um público consumidor de livros (p. 77 e seguintes).

O Sr. Tito de Mattos já em outra época foi chefe de polícia. Depois de um certo tempo de exercício S. Ex. foi delicadamente dispensado desse cargo.

Ora, S. Ex. não foi dispensado desse cargo pelos serviços que nele estava prestando. Não consta que S. Ex. se tivesse dedicado à Polícia da Corte a ponto de que seus habitantes, quando S. Ex. saiu, lhe fossem pedir que continuasse a protegê-los com o seu talento e com a sua dedicação. Mas S. Ex. saiu e saiu, naturalmente porque, ou achava o cargo superior às suas forças, ou não estava para dar as suas forças ao cargo que lhe davam. Em todo o caso, saiu como entrou, sob o ponto de vista do serviço público; mas um pouco melhor sob o ponto de vista pessoal, pois passou de juiz a desembargador. Quero dizer, a polícia não melhorou com os serviços do Sr. Tito; mas o Sr. Tito melhorou com os serviços da polícia.

Mais tarde, o Sr. Tito que havia feito uma viagem a Europa, é chamado de novo para o seu antigo cargo.

Nada mais justo. Da primeira vez foi um chefe magnífico; fez desaparecer não um Malta; mas dezenas de menores nacionais e estrangeiros, que ninguém sabe onde param hoje, e portanto, ninguém mais competente para ser outra vez chefe de polícia.

Agora dá-se o caso Malta, caso com que S. Ex. Tito não tem que ver, - porque afinal um chefe de polícia não pode saber tudo quanto se passa na sua repartição - e S. Ex., por um escrúpulo nunca visto, abandona o cargo e os periódicos veem nisso um motivo de regozijo.

Mas, Srs jornais, quem presentemente deve estar cheio de regozijo, não são os senhores, é simplesmente o Sr. Tito de Mattos, que abandona o cargo, porque o quer abandonar o cargo, porque não está para os aturar por mais tempo e porque, enfim, vai para sua casa rir-se à vontade do tão proclamado poder da Imprensa.

S. Ex. deixa apenas o cargo para ter tempo de se rir da Imprensa!

Pois o que pensávamos? Que S. Ex. tinha tomado a resolução de sair num momento de acabrunhamento?

É um engano. Na polícia ainda havia muito papel e muita mentira para entreter a opinião. S. Ex. retira-se simplesmente, porque não está para maçadas. Sem Castro Malta, o caso cheira a estufada e quem quiser que a suporte, que o Sr. Tito não está para isso.

Ora, se querem que S. Ex. volte a prestar à Polícia da Corte os relevantes serviços que tanto o recomendam à gratidão nacional, se querem finalmente que continuemos a ter na direção do nosso serviço policial um homem tão célebre, um chefe tão M. Lecoq, então tenham a paciência de esperar três meses, que aí voltará radiante e ainda cheio do pó das

glórias presentes o Augusto chefe que agora se retira por um excesso de modéstia, tão grande, que chega a parecer excesso de mediocridade para não dizer outra coisa. (GN, João Tesourinha, 02/01/1885, p.2)

Esta bala, em comparação com as outras duas, é “quase sisuda”, um enganche de seguidas acusações diretas (dizemos quase porque não assume exatamente os protocolos de um artigo de opinião, por exemplo; trata-se de uma escrita consciente do lugar ao qual está vinculada, a série “Balas de estalo”). De Lélío, para Décio, para Tesourinha, o leitor percebe uma crescente concretização do objeto de crítica.

A voz de João Tesourinha demarca com precisão os alvos de sua crítica, se comparada a de seus outros dois colegas, e, portanto, sua própria posição: incide sobre a “manobra” feita institucionalmente para que o chefe de polícia responsável pelo caso, Tito de Mattos, deixasse seu posto sem prestar conta de suas responsabilidades pela morte e desaparecimento de Castro Malta. A manobra, com o mesmo gesto autoritário e arbitrário de fazer desaparecer corpos, ainda dava ao “ego inflado” da imprensa¹⁰ um motivo de gozo hipócrita, garantido pela possibilidade de se representar na narrativa do Caso como a instituição que estaria influenciando e determinando, para o bem de todos, os rumos dos acontecimentos (ou seja, ao invés de ser enfrentada, trabalhada, a questão era transformada pela imprensa em autocomplacência e lucro).

Assim, a bala denuncia como o órgão público da polícia vinha ofertando o Caso Malta à imprensa como matéria-prima de “entretenimento”; e também denuncia a falta de autonomia e discernimento crítico da imprensa em entrar no jogo, já que de sua parte poderia vangloriar-se de um poder inexistente de fato. Por fim, constrói um espaço implícito de autolegitimação – tão precário, aliás, quanto as práticas que coloca em xeque –, afinal, se toda imprensa agira mal, se todas as autoridades andavam mal, eram os jornalistas da *Gazeta* os únicos a entender o impasse e expô-lo.

A heterogeneidade entre a fatura de cada pseudônimo é relativamente estável ao longo da série, por isso acreditamos que as diferenças entre essas três as crônicas sobre o Caso Malta servem para exemplificar traços recorrentes do procedimento de cada um, assim como oferece um esboço

10 Note-se aqui a *personificação da Imprensa* que se coloca como sendo uma instituição consolidada que pode ser referida como entidade, que pode ser referida como conjunto sem indicação de seus agentes. Talvez isso seja significativo para se considerar uma razoável autonomia da Imprensa, como esfera que passa a se distinguir dos partidos e do Estado. Mesmo que a Imprensa seja criticada, parece que ela *já existe por si*.

da figura da série como um todo. Em resumo, boa parte das crônicas de Lélío se constrói com artifícios literários que tentam produzir distanciamento estético com relação ao conteúdo referencial (notícias, discussões políticas, acontecimentos da cena internacional). Ou em outras palavras são elaborados de modo a transfigurar a referencialidade, por exemplo, em símbolo ou alegoria¹¹.

As crônicas de Machado de Assis se diferenciaram, no contraste com as de seus colegas, pela predominância do modo literário-narrativo na composição formal dos recursos e temas mobilizados na série. O escritor teria elaborado suas crônicas a partir do amálgama de três elementos: contingências históricas (acontecimentos de seu tempo), estetização (predominância narrativa com recursos literários, como cenas, personagens, diálogos, ancoragem de ponto de vista e distanciado) e, por fim, *topoi* “trans-históricos” (temas recorrentes da cultura ocidental, como a infalibilidade da morte e da passagem do tempo, a vaidade, a existência da verdade etc.).

A recorrência do humor como característica das três crônicas analisadas anteriormente indica certo paralelo de propósitos, um protocolo de escrita em que cada posição se afirma e realiza em contraposição ou complementaridade com as demais posições da série. Cabe então caracterizá-la como um todo articulado – porém disponível aos influxos da indeterminação – e, além disso, como parte de um projeto maior, qual seja, a própria *Gazeta de Notícias*.

Ao que tudo indica, as “Balas de estalo” foram idealizadas pelo dono e fundador da *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo, que colaborou para a série com o pseudônimo de Lulu Sênior. Além dele, sabemos da existência de Mercurio e Blick (Capistrano de Abreu), Zig-zag (Henrique Chaves), Lélío (Machado de Assis), José do Egito (Valentim Magalhães), Publicola (Dermeval da Fonseca), Décio (Afonso Montauray?), João Tesourinha (Francisco Ramos Paz?), Confúcio, Ly, João Bigode, Carolus e Farina, esses últimos ainda sem autoria atribuída, além de outros, que apareceram apenas uma ou duas vezes.

A ideia de Ferreira de Araújo teria sido a de fazer para o periódico uma seção, talvez nas palavras de Decio um “artigo humorístico”, de sentido

11 A diluição, em diversos momentos da obra machadiana, do caráter realista da representação num caráter alegórico foi estudada por Antonio Marcos Vieira Sanseverino (1999).

ambivalente, como antecipa o título: as “Balas” teriam ao mesmo tempo um caráter de recreio, engraçadas e de linguagem leve, mas com “recheio” um tanto ácido e explosivo, aliando, apenas aparentemente com somenos consequência, humor e crítica. Nota-se, assim, certa identidade entre o jornal e a série em particular. Cabe também destacar que os diversos colaboradores se empenharam em observar essas diretrizes. Porém, parece um equívoco dizer que seus textos eram homogêneos, como vimos na análise anterior, pelo contrário os colaboradores adotavam um pseudônimo mais ou menos coerente¹².

À época em que as balas começaram a ser publicadas, uma folha “adversária” da *Gazeta de Notícias*, o *Corsario*, chegou a comentá-las, sempre num sentido pejorativo, como um outro gênero: “Não temos escritores para *Balas de estalo*, novo gênero que foi há bem pouco introduzido pela *Gazeta de Notícias*, o jornal *mais bem* redigido que há... em roubo de telegramas” (CORSARIO, 18/08/1883, p. 3).

Sabemos que houve na imprensa do século XIX outras seções intituladas “Balas de estalo”. Tratava-se de colunas escritas em versos rimados, geralmente de conteúdo humorístico, crítico e satírico, um exemplo do “rindo corrigem-se os costumes” (ver *Semana Illustrada* [1864] e *A outra face de J. Simões Lopes Neto*, volume 1, onde foram recolhidas as “Balas de estalo” do autor publicadas na imprensa a partir de 1888). Pode ser que as “Balas” da *Gazeta* dialoguem com essa tradição, porém sabemos que elas foram realizadas de modo bastante singular (por exemplo, não em verso, mas em prosa, não atribuídas a um autor, mas a vários).

Talvez seja boa tradução do sentido da série o próprio termo “bala de estalo” como usado por seus produtores. A ambivalência óbvia está no signo bala enquanto doce e enquanto artefato de artilharia. Mas é no contexto de uso de alguns dos baleiros que podemos compreender o sentido prático das balas: “Cabia-me o dia, e o encargo de *enrolar as balas*. Procurei papel e encontrei, mais do que papel: as balas já feitas e enroladas” (GN, Décio, 28/04/1883, p. 2, grifo nosso), “Escritores modestos e joviais têm-se dado a

12 Ana Flávia Cernic Ramos (2001), ao ler o conjunto de crônicas, determinou um corte temático. Henrique Chaves, que provavelmente assumiu dois pseudônimos (Zig-zag e João Bigode), deu a cada um uma perspectiva para tratar dos mesmos temas: crítica teatral, sessões da Câmara, cenas do cotidiano da política imperial. Zig-zag, como taquígrafo, ocupava o lugar de “observador profissional da política”, encarregado da descrição dos atos oficiais. Já João Tesourinha, que escrevia cartas (transcritas nas crônicas) ao Imperador e aos ministros, emitia sua opinião, cobrando explicações e atitudes, e reclamando da falta de resposta. Além disso, a autora anota outros temas bastante recorrentes, como questões médico-sanitaristas, questões em torno da separação entre Estado e Igreja, de discussões dos debates políticos, da modernização e das modas da Corte.

honra de *estalar balas* com os homens e com as instituições que (in)felizmente nos regem” (GN, José do Egito, 08/05/1883, p.2, grifo nosso) e

Hão de ter paciência; mas, se cuidam que a *bala* hoje é de quem a assina, enganam-se. A *bala* é de um finado, e um velho finado, que é pior; é de Drummond, o diplomata. (...) Vamos, porém, a *uma anedota* desse mesmo ano de 1817, galantíssima, *uma verdadeira bala de estalo*, feita pelo rei D. João VI, que também tinha momentos de bom humor (GN, Lélío, 10/05/1884, p. 2, grifo nosso).

Em Lélío temos condensado o sentido da atividade dos baleiros indicada nas outras duas crônicas: as balas, claro, são produto da elaboração/ interpretação de seus autores, mas aparentam muitas vezes vir prontas, apenas colhidas e guardadas nas crônicas, de onde estalam. Lélío, pseudônimo de Machado de Assis, relata sua leitura das empoeiradas memórias de Drummond e encontra nelas uma mina de balas de estalo, uma série do que chamamos hoje “piadas prontas”, e que, no entanto, não se tratam de *qualquer* tipo de anedota. São exatamente aquelas que se valem de sarcasmos e humor para criticar adversários políticos, aquelas que evidenciem o absurdo, o inesperado ou a estupidez da ação de algum homem público ou de instituições (por exemplo, médicas, policiais e religiosas), de costumes, de acontecimentos. Em resumo, os autores das “Balas de estalo” tinham sobre os olhos lentes mais específicas, as quais faziam seu olhar perceber balas incrustadas nos debates políticos, nos costumes, na vida cotidiana da Corte.

A partir dessa “lente comum”, cada pseudônimo se tornava reconhecível por suas especificidades discursivas, mantidas mais ou menos estáveis ao longo da colaboração. Isso permitia o reconhecimento dos pseudônimos enquanto *persona*, identificável pelo leitor e também referida nas crônicas uns dos outros. A rede de autocomentários que então se formava era dispositivo bastante apreciado pelo público, que se comprazia especialmente com contendas simuladas, como as ocorridas entre Lulu Sênior e Zig-Zag.

Ao atentarmos para os procedimentos formais empenhados pelos cronistas, encontramos em seus textos traços de ironia e autoironia, paródia e sátira, metaforização ampliada, duplo sentido, hipérbole, procedimentos técnicos como o uso de cenas e diálogos típicos da comédia, o uso de gêneros como epistolar, relatório, quadrinhas populares e bordões, caricaturas. Não obstante, a configuração textual em que apareceram tais recursos precisou ser especificada. Embora não se possa dizer que se opere apenas um

modo ou outro, há a predominância, nos textos dos demais pseudônimos desta série, do modo retórico-dissertativo no uso de tais procedimentos. Já Machado de Assis se particularizou pela predominância do modo literário-narrativo no uso dos mesmos recursos¹³.

A *Gazeta de Notícias*, veículo de publicação da série “Balas de estalo”, é apontada na historiografia do jornalismo brasileiro como um dos periódicos mais importantes do século XIX (Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*). Fundada em 1875, notabilizou-se por sua desvinculação de partidos políticos (ainda que tivesse tendências liberais e fosse abertamente abolicionista e republicana), uma espécie de índice da transição do modelo jornalístico do século XIX, quando folhas de fôlego deixavam de ser “fomentadas” por associações ou partidos para se “autonomizarem” ideologicamente, passando a ser mantidas pela venda de seus espaços para a propaganda e certos interesses do público leitor como os “A pedidos”, além da tradicional assinatura. Ou seja, foi uma das primeiras folhas a operar na lógica do mercado, iniciou práticas como a venda avulsa nas ruas e o baixo custo da edição diária (40 réis), tornando-se, por esses motivos, mais popularizada e atingindo um público mais heterogêneo do que os dos jornais partidários e vendidos apenas mediante assinatura. Já na década de 1880, dobrara sua tiragem para 24 mil exemplares, uma das maiores entre os jornais brasileiros do período.

Pode-se dizer que o perfil editorial da *Gazeta* aponta para alguns núcleos temáticos: o dia-a-dia político do Império, o cotidiano da Corte, a circulação mundial de informações, a literatura. Em boa parte de suas colunas, uma tonalidade humorística se ocupava de tais focos de atenção, daí também diversos espaços serem tomados como de “entretenimento”. Tal rubrica, a um só tempo, atraía leitores e atribuía ambivalência às posições mais críticas de seus colaboradores, pois se nota o espaço do debate político como a grande inclinação da *Gazeta*.

13 A qualidade de um autor como Machado de Assis, atualmente, nos é óbvia. Isso poderia levar alguém a dizer que a comparação de Machado com seus pares seria inútil. Cabe colocar, no entanto, como esse procedimento mostrou-se necessário por diversas razões. Cria-se, assim, um parâmetro para verificar os pontos da criação machadiana não por critérios anacrônicos, mas dentro da dimensão cotidiana em que escrevia. Tal como a diagramação do jornal não definia espaços fixos, também a escrita da crônica moderna (forma recente na época) não estava fixada, sofria influxos externos. Pela comparação, percebe-se o esforço construtivo de Machado de Assis de dar unidade e autonomia ao texto, como se a crônica fosse escrita com uma pena que confere vida para além da página do jornal. Note-se a particularidade desse esforço construtivo.

Isso não foi, entretanto, uma prática isolada do jornal. Conforme Ângela Alonso, em *Idéias em Movimento*, depois da modernização técnica do processo de impressão e do telégrafo, a imprensa tornou-se um nicho de organização e expressão de demandas das mais diversas posições políticas, sobretudo aquelas interditas na esfera pública oficial (as Câmaras e o Parlamento). Alonso destaca o lugar dos jornais como solo dos debates sobre reformas e críticas à Monarquia. Além disso, a *Gazeta de Notícias* propiciaria a seus colaboradores e leitores um esteio para discussões sobre literatura e mesmo para a absorção da produção literária propriamente dita.

Machado de Assis exemplifica o que dissemos: tornou-se colaborador do jornal em 1880, publicando contos no espaço nobre da primeira página, no “Folhetim”, e em seguida como coluna à parte. Alcançou colaboração profícua, já que a soma de seus contos publicados na *Gazeta* passa de 54 títulos, com 45 deles depois recolhidos em livro. As coletâneas *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias* e *Páginas Recolhidas* são formadas na quase totalidade por contos publicados na *Gazeta*, o que indica a necessidade de novas pesquisas discutirem as relações entre a escrita de Machado e o projeto editorial do jornal.

(Também há diversas recorrências no mote de crônicas e contos, prática que daria fôlego para um estudo a parte. Trazemos um caso apenas a título de exemplo porque ele reforça o que viemos demonstrando nesse artigo, que Machado escreve suas crônicas com soluções do discurso propriamente literário. Podem ser lidos em cotejo a crônica de 27 de dezembro de 1884 e o conto *Uma visita de Alcibíades* – aliás republicado na *Gazeta de Notícias* em 1882. Neles, o autor utiliza um personagem histórico vindo fantásticamente do passado, de tal modo que seu olhar, do personagem, desnaturaliza os costumes coetâneos. No caso de ambos, crônica e conto, o ponto de vista é de um cidadão da Grécia Antiga que lamenta o ponto a que chegara a moda no século XIX.)

A *Gazeta* foi um dos periódicos para o qual Machado mais produziu e por um período bastante longo, praticamente 20 anos. Além dos contos, trabalhou suas cinco séries de crônicas mais autorais, publicadas entre as décadas de 1880 e 1890, sendo “Balas de estalo” (1883-1886) a primeira, seguida por “A+B” (1886), “Gazeta de Holanda” (1886-1888), “Bons dias!” (1888-1889) e “A semana” (1892-1897).

Tantas séries apontam que a *Gazeta* priorizou o gênero crônica, como de fato se percebe voltando às suas primeiras edições. De 1875 (ano I) até 1879, logo na primeira coluna da página 1 encontramos com alguma frequência a seção intitulada “Assumptos do dia”, espécie de crônica responsá-

vel por tratar do que repercutia na imprensa e no cotidiano da Corte, sem assinatura. Em 1879, no rodapé da primeira página, o “Folhetim”, começa a aparecer a “Chronica” numa rotação do espaço com os romances-folhetins e artigos de fundo. Então, entre 1879 e 1880, coexistiram a “Chronica” no espaço “Folhetim” e o “Assumptos...”. Já em 1881, passou a se publicar apenas a “Chronica”, sempre aos domingos. Foi em 29 de outubro de 1882 que também a “Chronica” foi extinta; na semana seguinte, no domingo, apareceu a primeira “Chronica da semana” não mais no Folhetim, mas de volta ao destaque da primeira coluna no alto da página 1, e, ao que tudo indica, teve sua presença dominical incorporada por um longo tempo à rotina da *Gazeta*. Trazemos esse pequeno histórico para colocar alguns argumentos.

Em primeiro lugar, lembramos que mesmo na década de 1880, os jornais brasileiros ainda não possuíam seus espaços bem fixados. Havia, é verdade, uma rotina de publicações que ajudava o leitor (e o pesquisador de hoje também) a prever o que poderia aparecer em cada página. Porém nada disso se assemelha à fixidez dos espaços que hoje em dia nossos jornais possuem. Essa questão envolve uma experiência de leitura e de relação com o lido distinta da que se realiza para nós, pois nossa leitura é muito mais orientada pelo trabalho de editoração do que era antes – ainda que isto esteja mudando com as mídias digitais.

Em segundo lugar, temos indicações de que a crônica foi um dos poucos gêneros, como o romance-folhetim e a propaganda, que encontraram uma ancoragem mais perene na *Gazeta*. Digamos, faziam parte do cotidiano de leitura internalizado pelo público. Nesse sentido, como entender que numa mesma folha com uma já muito bem estabelecida “Chronica da semana”, hebdomadária e dominical, fosse ainda demanda haver uma seção de crônicas como as “Balas de estalo”?

O contraste nos pareceu rico para a produção de significados, inclusive sobre o projeto das “Balas”, por isso, insistiremos nele. Parece-nos que as “Balas de estalo” não correspondem simplesmente ao protocolo geral do gênero, previsto por exemplo nas “Chronicas da semana” que seguem:

Relendo agora as notas da semana, no interesse de consultá-las e delas extrair o material suficiente para a fabricação da *Chronica*, reconhecemos com um despeito semelhante ao de uma municipalidade suspensa, que pouco, muito pouco, nos ofereciam as tais notas, ao acaso tomadas dia a dia. (...)

Os leitores não poderão avaliar da má caligrafia, mas seguramente estarão habilitados a julgar as sua incoordenação, passando os olhos sobre *isto*, que temos em mão, e a que encima o pomposo título de notas da semana; (GN, 9/12/1883, p.1)

Difícilima de escrever a crônica de uma semana que não teve crônica. Estabelece a sentença latina que *nemo dat quod non habet*; e o mesmo na nossa língua diz-se, com muita propriedade no prolóquio popular, que *de onde não há ninguém o tira*.

Ainda assim, e entretanto, e infelizmente, ao cronista incumbe dar crônica quando não a tem inteiramente, e extrair assunto de onde absolutamente o não há.

Pois façamos a crônica. Digamos ligeira e singelamente que a crônica hebdomadária apenas registrou o seguinte. (GN, 19/07/1885, p.1)

À administração da *Gazeta de Notícias*

“Acabo de rever cuidadosamente, pacientemente, minuciosamente, todos os jornais da semana. E confesso-o, com a maior franqueza e muito maior desgosto: não encontrei assunto *cronicável*. A minha carteira de notas consultada aponta a mesma aridez e pobreza. (...) Uma frase resume em si todo a embaraço de minha situação: a nossa capital atravessa uma crise, e não oferece por isso um só fato notável, ou o mais simples acontecimento, digno de ser registrado numa crônica da semana. (GN, 25/07/1886, p. 1)

O protocolo de escrita da “Chronica...”, em breve descrição, corresponde à resenha hebdomadária dos fatos e acontecimentos destacados pela imprensa ou de evidente repercussão durante a semana. Era redigida em primeira pessoa, com marcas de subjetividade e certa coloquialidade (mais uma vez, não se trata do tom sisudo de artigos de fundo), porém sem assinatura, sendo atribuível como opinião do veículo. Reformulamos, então, o problema de outra maneira: parece que as “Balas de estalo” significam uma prática textual, um projeto de escrita, diverso daquele suposto nas crônicas que recebiam o título de “Chronica”, o que não exclui que as balas tomassem emprestado – e muito – as práticas em uso no fazer cronístico. Em suma, a “Chronica” opera uma resenha ordenadora da semana, dá um sentido de relevância a elementos da indeterminação histórica. Já as “Balas de estalo” representam um olhar especializado para o cotidiano, um olhar que faz saltar da indeterminação histórica uma bala de estalo.

Acreditamos que um aspecto da questão está em que muitas vezes os jornalistas da *Gazeta*, talvez não apenas dela, se representavam – como ficou apontado anteriormente – num lugar por si legítimo, de onde podiam criticar as práticas da imprensa e das autoridades. O humor era estratégia quase natural para esse tipo de propósito, sobretudo se considerarmos a frequência com a qual periódicos vinham se utilizando de práticas humorísticas ao longo de todo o Segundo Reinado. Contudo, as “Balas”, em comparação com as “Chronicas”, sugerem uma radicalização do programa,

num flerte com o sarcasmo, que, em termos de tom, pelo menos a princípio, adequa-se com os propósitos da problematização da legitimidade intelectual para entender e criticar as instituições fluminenses.

Para Chalhoub, Pereira e Neves (2005), o que particulariza a crônica é a natureza de sua indeterminação: sua ligação com o tempo-de-agora, o tempo em que se vive, que a faz depender da indeterminação dos acontecimentos com os quais quer interagir, estando o cronista sempre em relação com o imponderável do cotidiano. Isso, porém, não garante que a prática se utilize predominantemente do discurso literário ou do discurso jornalístico.

Ao passo que uma crônica de Mercutio (Capistrano de Abreu) demanda o levantamento de uma série de referências para ser compreendida como um todo, as crônicas de Lélío (Machado de Assis), em sua maioria, dispensam notas ou as requerem em menor montante. Ao passo que Lulu Sênior (Ferreira de Araújo) descreve ironicamente um acontecimento centrado em sua referencialidade, Lélío narra uma história com personagens e ponto de vista narrativo, que alegoriza um acontecimento e o inscreve em *topoi* mais amplos. Ao passo que Zig-zag (Henrique Chaves) mira suas balas de modo direto em alguma figura pública, engajado no desvelamento da verdade, Lélío, por uma série de procedimentos literários, toma distanciamento do conteúdo e produz significados que sejam mais imanentes e menos restritos, ou em outras palavras, reconstituível a partir dos termos pelos quais foram expressos.

Isso, no entanto, não exclui a tarefa do pesquisador de adentrar o contexto denso de publicação. Pois se as crônicas de Machado se fazem mais autônomas em relação a esse contexto – e como vimos, atribuir-lhes simplesmente o sentido geral de “crônica” ficou bastante problemático –, vimos que sua abertura para múltiplos sentidos também diz respeito à posição de Machado na construção de um trabalho coletivo e às tensões implicadas nessa posição.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Ângela. *Ideias em Movimento*. São Paulo: Paz e Terra, 2002
CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida S.; PEREIRA, Leonardo A. M. (org.), *História em cousas miúdas*: capítulos de História Social da crônica no Brasil. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

- BOSI, Alfredo. “O teatro político nas crônicas de Machado de Assis”. In IEA/USP, Coleção Documentos, Série Literatura, São Paulo, 2004, disponível em <http://200.144.188.13/textos/bosimachado.pdf>, acessado em 20/10/2013.
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a política e outros estudos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1957.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- JACKSON, K. David. “A modernidade do eterno em Machado de Assis”. In *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 55-76.
- LUCA, Heloisa Helena Paiva de (org.). *Balas de estalo de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 1998.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, v. 1.
- MAGALHÃES JR, Raimundo. *Crônicas de Lélío*. Organização, prefácio e notas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*: 1º volume. Porto Alegre : Martins Livreiro, 1983
- PASTA JR., José Antônio. Entrevista. In *Sinal de Menos*, fevereiro de 2010, v. 4, disponível em <http://sinaldemenos.org/2011/02/24/sinal-de-menos-4/>, acessado em 01/09/2013.
- RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de estalo” de Machado de Assis*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000473160>. Acesso em 18 de ago. de 2013.
- _____. *História e crônicas: “Balas de estalo e as questões políticas do seu tempo (1883-1887)*. Campinas: Monografias do IFCH-UNICAMP, 2002.
- SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. *Realismo e Alegoria em Machado de Assis*. Tese de doutorado, PUCRS, 1999.
- SODRÊ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Recebido em: 05/09/2013. Aceito em: 18/10/2013.